



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de lançamento do Programa Nacional de estímulo à produção de óleo de palma e entrega de títulos provisórios de terras e licenciamento ambiental para 3,7 mil agricultores familiares da região

Tomé-Açu - PA, 06 de maio de 2010

Eu queria dizer para vocês que, um dia, 30 anos atrás, eu talvez tivesse o mesmo pensamento que o prefeito teve aqui. Em 1980 eu vim a Belém, e em Belém peguei um barquinho daquele “poc-poc”. Andamos 26 horas de barco, comendo farinha com frango assado, e fui fundar o Partido dos Trabalhadores nas cidades de Baião e de Cametá. Isso já faz 30 anos. Eu, naquela época, jamais me passava pela cabeça ser presidente da República, estava apenas tentando criar um partido político. E não esperava, chegando aqui hoje, encontrar o companheiro chamado carinhosamente de Saci, prefeito de Baião, que está aqui na nossa frente.

Eu queria cumprimentar os prefeitos aqui presentes. Eu não sei se estão corretos os nomes dos prefeitos. Mas, depois que terminar o ato, se alguém organizar, a gente poderia dar um abraço em cada prefeito, aqui na frente.

Está aqui a prefeita de Acará, Francisca Martins,

Está aqui o prefeito de Concórdia, Elias Santiago,

Está aqui o prefeito de Igarapé-Mirim, Roberto... Roberto Pina,

Está aqui o prefeito de Ipixuna do Pará, Evaldo Cunha,

Está aqui o prefeito de Moju, Iran Lima,

Está aqui o nosso querido prefeito de Baião,

E está aqui o prefeito de Tailândia, Gilberto Sufredini,

Está... Calma! Como é que eu não vou falar de Tomé-Açu, se eu acabei de tomar água de Tomé-Açu?

Está aqui o prefeito de Abaetetuba... a prefeita, Francinete Carvalho,



Está o prefeito de Aurora do Pará, Márcio Ricardo,
E, por último, o nosso querido Carlos Vinícius, prefeito de Tomé-Açu,

Bem, eu sei, querida governadora do estado do Pará, Ana Júlia,
Queridos companheiros empresários portugueses da Galp, que estão
juntos com a Petrobras,

Embaixador de Portugal no Brasil,

Nossa querida Izabella Mônica Vieira Teixeira, ministra do Meio
Ambiente, ao lado da Ana Júlia,

Nosso companheiro Guilherme Cassel, ministro do Desenvolvimento
Agrário. Ele e a Izabella iriam fazer o uso da palavra mas, em respeito a vocês,
pelo sol que está fazendo, eles preferiram não falar.

Quero cumprimentar o companheiro Odair Santos, vice-governador do
Pará,

Cumprimentar os deputados aqui presentes,

Os vereadores,

E quero cumprimentar também... é importante vocês saberem que está
aqui presente o Presidente da Embrapa, que é a responsável pela revolução
agrícola que aconteceu no Brasil nos últimos 40 anos e é a responsável pelo
fato de o biodiesel – junto com a Petrobras – estar no desenvolvimento que
está.

Eu... vocês sabem que eu estou meio triste porque o Flamengo ganhou
do... o Flamengo marcou, o Flamengo marcou um gol mixuruca, ontem, no
Corinthians. Eu não sei que campeonato é esse, que os dois times marcam
dois gols e um leva vantagem. Eu não sei, eu não sei... Mas, de qualquer
forma, de qualquer forma, como bom esportista, eu estou aqui já pensando na
próxima vitória.

Mas, companheiros e companheiras, vocês vão ter um pouco de



paciência comigo porque eu quero, eu quero tentar explicar o que vai acontecer aqui, porque não tem nada pior do que a gente participar de uma manifestação bonita como esta e a gente virar as costas, e vocês não... não ficam sabendo o que é que vai acontecer.

Primeiro, eu vou recordar a palavra deste moço aqui. Este moço é o presidente de uma empresa que nós criamos dentro da Petrobras para cuidar do biodiesel. O biodiesel é um produto que nós estamos produzindo para substituir o óleo diesel tirado do petróleo, que é muito poluente. Então, o biodiesel vai ser produzido no Brasil, de dendê; vai ser produzido aqui nesta região, do dendê, esta palma de óleo tão falada; vai ser produzido de soja; vai ser produzido de mamona; vai ser produzido de pinhão manso e vai ser produzido de outras, de outras oleaginosas existentes no Brasil. É um programa novo. Os nossos carros já estão utilizando 5% de óleo de... 5% de óleo vegetal de biodiesel misturado ao óleo diesel do petróleo. Mas nós trabalhamos com a hipótese de que um dia nós teremos 100% de biodiesel, ou seja, quando o cara ligar o motor do carro não vai ter o cheiro de um óleo fedido, vai ser um óleo de alguma planta que nós então vamos conhecer. Será menos poluente, mais gerador de empregos, mais distribuidor de renda e mais desenvolvimentista. Então isso é uma coisa que o Brasil está querendo colocar.

E aqui no Pará, aqui no Pará, nós achamos que ainda tem, ainda tem – tem muita gente séria – mas ainda tem alguns bandidos que vão desmatando afora sem nenhuma responsabilidade. E nós achamos que também não dá para o governo ficar só gritando e chamando de bandido quem tem madeira clandestina e está cortando árvore onde não pode ser cortada. O que nós precisamos fazer é isso que a gente está fazendo aqui: oferecer oportunidade de trabalho para que o povo não aceite trabalhar em madeira clandestina. E quando vocês tiverem uma opção e uma oportunidade honesta de trabalho com carteira assinada, vocês vão viver muito mais tranquilos.



E também, a palma que nós vamos plantar aqui, nós queremos recuperar as áreas degradadas. Vocês vão perceber que será proibido cortar uma árvore para plantar a palma, será proibido. Nós queremos utilizar toda a área degradada, a área que já foi desmatada, a área que em algum momento era pasto e que hoje está se deteriorando, para que a gente possa recuperar e plantar palma, e permitir que o povo de Tomé-Açu e das cidades vizinhas possam viver com tranquilidade, trabalhando e levando para sua casa o pão de cada dia, por conta do seu trabalho honesto.

Então, eu queria pedir permissão para vocês, eu vou ler um texto. Este texto aqui é muito mais para a imprensa. É muito mais para a imprensa saber o que nós vamos fazer aqui. Depois eu vou ter uma outra prosinha com vocês sobre outras coisas.

Pois bem, companheiros, o programa que estamos lançando hoje abre um novo horizonte de possibilidades para o Brasil e para a região amazônica, em particular. E representa o casamento entre a proteção ambiental e a geração de renda e de emprego digno para milhares de pessoas que moram na Amazônia. Hoje, o brasileiro pode dizer com orgulho que consegue proteger aquele que é um dos maiores patrimônios naturais do Planeta, a sua floresta tropical. Desde que começou a ser monitorado, em 1998, o índice anual de desmatamento na Amazônia Legal nunca foi tão baixo. Só para termos uma ideia, no ano passado as derrubadas reduzidas... as derrubadas foram reduzidas a um quarto daquelas que ocorriam em 2004. Isso só foi possível porque o Estado brasileiro conduziu firmemente uma série de ações para reprimir o desmatamento ilegal e regularizar a ocupação da área, como (incompreensível) agora, entregando títulos. Reforçamos a fiscalização, investimos na estrutura dos órgãos ambientais e cortamos o crédito das empresas que tinham no desmatamento ilegal e na exploração irregular do bioma amazônico a base de seus rendimentos.

Tão importante quanto essas ações, passamos a incentivar a criação de



fontes alternativas de renda e regularização fundiária. É o que vem ocorrendo, por exemplo, no Mutirão Arco Verde-Terra Legal, que tem como foco os municípios onde, ao longo da história, foram registrados os maiores índices de desmatamento. Por meio do Mutirão, desde o ano passado, todos os órgãos federais têm atuado de maneira coordenada, não apenas para estruturar novas cadeias produtivas, mas também para levar os serviços básicos de cidadania a toda a população da Amazônia.

Nesse sentido, a produção ordenada do óleo de palma, realizada dentro de rígidos parâmetros ambientais e sociais, como os que estão previstos neste programa, será mais um importante vetor de desenvolvimento sustentável para a Amazônia e será, sobretudo, um grande aliado no combate ao desmatamento. O óleo de palma é uma das *commodities* agrícolas mais valorizadas em todo o mundo. Na última década, seu consumo mundial saltou de 21 milhões de toneladas para 45 milhões de toneladas, representando um terço de todo o mercado de óleo vegetal do mundo. Trata-se de um produto altamente demandado por diversas indústrias, às quais servirá de insumo para os mais variados fins, do biodiesel à margarina que nós comemos. Só para vocês saberem, a margarina que vai à mesa da gente, de manhã, tem óleo de dendê; também tem os cosméticos, os cosméticos também têm; os sabonetes que a gente utiliza, também têm. Então, é um óleo que tem um valor extraordinário e também, agora, um valor industrial para a área de energia, que é o nosso biocombustível, e também para a área de lubrificantes.

Só para termos uma ideia, o Brasil sozinho – este é um dado importante –, o Brasil sozinho consumiu no ano passado perto de 450 mil toneladas de óleo de palma, um volume três vezes superior ao que a gente consumia em 2005. Mas temos apenas 67 mil hectares cultivados e respondemos por somente 0,5% da produção mundial, ou seja, o Brasil produz apenas 0,5% de todo o óleo que é produzido no mundo. Vocês têm água aí no meio? Ô gente, olha, seria prudente se a gente tivesse água para distribuir. Eu estou vendo



gente com copo ali, eu vi gente passar, mas... seria prudente. Essas pessoas que estão passando mal, possivelmente, seja por falta d'água. Eu, como sou nordestino e passei muita sede na minha vida, água é uma preocupação muito grande.

Bem, companheiros, dando continuidade, isso faz com que hoje precisemos importar... O Brasil compra do exterior metade de todo o óleo que nós consumimos, apesar de sermos um dos países com melhor solo e clima para a plantação de dendê. Portanto, não há justificativa para que continuemos produzindo tão pouco óleo. Existe uma grande demanda mundial pelo óleo de palma, que seja produzido de maneira social e ambientalmente correta pelos cultivos que respeitem tanto o homem quanto a floresta.

Todos nós sabemos que o Brasil já demonstrou, por muitas vezes, sua capacidade de conciliar o desenvolvimento e a proteção ambiental, e isso se repetirá na produção do óleo de palma, que será ordenada neste programa de produção sustentável que lançamos hoje.

Em primeiro lugar, devemos deixar bem claro que o zoneamento agroecológico que estamos anunciando só permite a plantação de palma em áreas que já foram desmatadas antes de 2008. Eu vou repetir aqui, para a nossa gloriosa imprensa anotar direitinho: devemos deixar bem claro que o zoneamento agroecológico que estamos anunciando só permite a plantação da palma em áreas que já foram desmatadas antes de 2008. Vamos evitar... Prestem atenção, porque o Programa é muito sério e o mundo está de olho em nós. Vamos evitar que sequer um hectare de mata nativa da Amazônia ou de qualquer outro bioma seja derrubado para dar lugar à palma do dendê. Por isso, nós... da mesma forma, não terão licenciamento ambiental nem crédito do governo federal ou do governo estadual qualquer indústria que utilize óleo de palma produzido fora dos padrões definidos pelo governo. Eu vou repetir, para anotarem: da mesma forma, não terão licenciamento ambiental nem crédito oficial qualquer indústria que utilize óleo de palma produzido fora dos padrões



definidos pelo governo.

Além disso, o cultivo da palma pode ser muito rentável. Ele dá viabilidade econômica à recuperação com vegetação nativa das áreas de reserva legal. Ou seja, além de não derrubar a floresta, a palma será um instrumento para que áreas há muito tempo já transformadas em pasto voltem a ter suas características originais. A essa recuperação da área desmatada soma-se outra: cada hectare da cultura da palma, quando as árvores já estão adultas, sequestra mais de 26 toneladas de carbono, contribuindo também para a redução de emissão de gases de efeito estufa.

Além disso, a atividade poderá elevar, em muito, a renda de agricultores familiares. Gente, cadê a água, gente? Se não tem... Eu estou aqui engasgado e não estou bebendo água porque não veio água para vocês. Eu quero ser solidário e não vou beber. Se alguém, se alguém tiver que morrer de sede aí, nós morreremos juntos aqui neste palanque. Chegou um pouco d'água aí, agora.

Bem, companheiros, prestem atenção porque eu morro e isto aqui fica com vocês, e vocês têm que saber. A palma produz durante o ano inteiro e pode gerar uma renda mensal de até R\$ 2 mil para as famílias produtoras. Hoje, na Amazônia, a média é de apenas R\$ 415. Nós estamos dizendo que, com a palma, poderá ser elevada para R\$ 2 mil a média salarial do rendimento. Da mesma forma, as plantações de palma geram, em média, um emprego em cada dez hectares, uma média três vezes superior à encontrada, geralmente, no campo. A soja gera pouco emprego, o gado gera pouco emprego, mas a palma do óleo vai gerar, para cada dez hectares, um emprego.

Todos esses dados confirmam o acerto do Programa que estamos lançando hoje. Um programa que já nasce com uma série de ações em andamento e, o que mais é significativo, com vários investimentos realizados.

Prestem atenção: pelo menos 15 empresas já estão se habilitando para produzir o óleo de palma em grande escala, o que elevará a área plantada dos



atuais 67 mil hectares para mais de 235 mil hectares. Só nesta primeira fase, serão 23 mil empregos agrícolas. Estou certo, Miguel? Estou certo? Pelo amor de Deus, não me façam contar uma mentira aqui. Então, eu vou repetir aqui: o que estão me dizendo é que só nesta primeira fase da produção do biodiesel aqui, nós vamos gerar 23 mil empregos agrícolas diretos.

É o caso dos investimentos da Petrobras, em parceria com o grupo europeu Galp. A Galp é uma empresa portuguesa. E é importante lembrar que nós vamos produzir aqui, nesta região... a palma produzida é para a usina da Petrobras. Na outra cidade, a palma produzida, ela vai ser esmagada aqui e ela vai para Portugal, porque nós precisamos não apenas atender o nosso sócio mas, também, exportar o nosso biodiesel para a Europa, a começar da Espanha. Portanto, nós queremos agradecer à Galp essa parceria com a nossa querida Petrobras, fazendo desenvolvimento aqui no estado do Pará e em toda a Amazônia.

Bem, o Miguel Rossetto já falou que nós vamos produzir 300 mil toneladas aqui, de óleo, para exportar para Portugal. Além disso, a Petrobras vai produzir aqui, vai produzir aqui, ela vai investir R\$ 330 milhões... Ô, Prefeito, me conta uma coisa: em que momento da história Tomé-Açu recebeu investimento de R\$ 330 milhões? Me responda uma coisa, Prefeito: em que momento da sua vida você imaginou que aqui ia ter pelo menos 2 mil trabalhadores trabalhando, ganhando... Eu vi aquela mulher ali, ela está ganhando um salário mais a produção. Eu perguntei para ela a sensação de chegar em casa com um salário, no final do mês, e poder comprar as coisas para a gente, sem precisar pedir favor a ninguém. É uma coisa abençoada por Deus! Bem, e além de 2 mil empregos, vai gerar renda para 1.250 agricultores aqui, meu caro Prefeito de Tomé-Açu.

Bem, o governo federal já tomou todas as medidas, a Embrapa já iniciou, em parceria com as empresas, a pesquisa e o desenvolvimento da palma de óleo. Com investimentos públicos de R\$ 60 milhões, já estamos



produzindo hoje mudas e sementes adaptadas para a região amazônica e que são fundamentais para a expansão da produção da palma de óleo.

Da mesma forma, a Embrapa e o Ministério do Desenvolvimento Agrário, os órgãos estaduais de extensão e as empresas privadas já começam a qualificar os técnicos que darão suporte à cultura da palma de óleo, às estratégias produtivas da agricultura familiar e ao desenvolvimento rural sustentável na Amazônia. Prestem atenção: acho que vão ser 160 pessoas preparadas pela Embrapa, pelo Ministério e pelos empresários, para que possam dar assistência a todos que estiverem plantando a palma de óleo. Na verdade, é o seguinte: no mês de maio serão... já teremos 160 técnicos que começam um curso de 236 horas, para que eles aprendam a lidar com isso.

Além disso, as linhas de... Vejam que interessante: nós lançamos o Programa hoje e as linhas de crédito para a produção já estão prontas, aprovadas e publicadas pelo Conselho Monetário Nacional. Eu acho que é a primeira vez no Brasil que a gente apronta o financiamento antes do produto, isso, numa demonstração de que para nós é muito sério.

Prestem atenção aqui, companheiros. Prestem atenção porque isso é para vocês lembrarem, para depois cobrarem do Prefeito, cobrarem do Miguel, cobrarem da Governadora, cobrarem do Meio Ambiente, cobrarem da Petrobras, cobrarem dos deputados, cobrarem da Galp, cobrarem da Petrobras, e não cobrarem de mim, porque daqui a oito meses eu vou embora para o meu Pernambuco.

Companheiros, prestem atenção em uma coisa que é interessante para o povo da região: os agricultores familiares interessados em ingressar na cadeia produtiva poderão se beneficiar do Pronaf Eco, que permite empréstimos de até R\$ 65 mil, com juros anuais de 2%, carência de seis anos e prazo para pagamento em 14 anos. Eu vou, eu vou repetir, eu vou repetir aqui: os agricultores familiares interessados em ingressar na cadeia produtiva poderão se beneficiar do Pronaf Eco, que permite empréstimos de até R\$ 65



mil, com juros anuais de 2% ao ano, carência de seis anos e prazo de pagamento para 14 anos.

Miguel, Miguel, veja se eu entendi: o cidadão que quiser pegar R\$ 65 mil, ele vai ficar seis anos sem pagar, que é a carência. Quando ele começar a pagar, sete anos depois, ele vai pagar 2%, e ele tem 14 anos de prazo para pagar. Gente do céu, nem o governo Lula pode fazer melhor do que isso. Não é possível!

Prestem atenção, os meus companheiros da imprensa, por favor, coloquem a câmera aqui. O diferencial dessa linha é que durante o prazo em que o agricultor espera a palma produzir - o que pode durar até cinco anos - prestem atenção, entre vocês pegarem a semente, a mudinha, e plantar, ela vai demorar cinco anos. O que vai acontecer? Ninguém pode ficar cinco anos em pé, do lado da palma, vendo a bichinha crescer, porque plantador de palma que não come não para em pé. Então, enquanto ele está esperando os cinco anos, ele conta com uma remuneração pela sua mão de obra. Ou seja, ele vai receber um salário, enquanto a sua planta cresce. Miguel, é isso, Miguel? É isso, Miguel? É isso?

Ô gente, até eu vou querer plantar palma. Pego os 65 “mil réis” emprestado, planto a muda e fico lá, em pé, olhando a bichinha, de vez em quando jogamos um pouquinho de uréia nela, e ainda vou receber meu salário? Benza Deus!

O crédito... Olha, gente, o crédito só será fornecido aos produtores que já tiverem firmado contrato com empresas processadoras de óleo de palma. Essa é uma coisa importante, companheiros, é uma coisa importante: não é para o companheiro inventar de começar a produzir sem antes assinar um contrato com as empresas, a começar da nossa querida Petrobras. Tem que ter um contrato de compra da palma para poder começar a produzir, está bem?

Bem, outra coisa... veja, porque somente assim o agricultor saberá que terá condições de pagar o financiamento no futuro, uma vez que receberá as



mudas e a assistência técnica, além de ter a garantia da venda da produção.

Ô, gente, é um programa extraordinário. Você vai receber a muda sem pagar nada por ela, você vai receber assistência técnica, você vai plantar. Depois, você tem já o comprador garantido, já o comprador garantido. O que nós precisamos ficar espertos é na negociação do preço do quilo do óleo, aí é que nós temos que estar espertos. Eu já não serei mais presidente, estarei do lado de vocês para cobrar, de quem estiver na Presidência, um preço adequado para vocês.

Veja, tem mais, tem mais... Já produtor... Veja... Prestem atenção que aqui é para uma camada maior, para uma camada maior. Já produtores rurais e cooperativas de maior porte contam com outras duas linhas de financiamento. Prestem atenção: trata-se do Propflora – o nome é chique: Propflora –, que financia até R\$ 300 mil, com juros de 6,75% ao ano. E o outro programa, o Produsa, que financia, com juros de 5,75% ao ano, projetos de até R\$ 400 mil para a recuperação de áreas degradadas. Eu vou repetir para os empresários aqui presentes: nós temos o Propflora, que financia até R\$ 300 mil, com juros de 6,75% ao ano. E o outro programa, o Produsa, que financia, a juros de 5,75% ao ano, projetos de até R\$ 400 mil para a recuperação das áreas degradadas.

Aqui, Tereza, uma brincadeira que eu fiz com o companheiro, o companheiro Guilherme Cassel: é muita sofisticação criar dois programas diferentes, quando poderia ter um programa só, de 350 mil, com os mesmos juros para todo mundo, igual, porque o Prop... o própole...[Propflora] parece mais mel de abelha, este primeiro programa aqui: Propflora. E o outro: Produsa. Poderia ser um só. Eu vou pegar o Gilson, do Banco do Brasil, porque eu sei que ele é que faz essas exigências, que eu considero, assim, um pouco complicadas. De qualquer forma, um programa é um incentivo, um programa... O Produsa é um programa que tem como objetivo, além de produzir o óleo, incentivar os empresários a recuperarem áreas degradadas,



por isso que a taxa de juros é menor. **(falha na gravação)** Então, Deus queira que vocês recuperem.

Bem, outra coisa importante: vai ter uma câmara setorial da palma de óleo, de que vai participar o governo – é isso? –, os empresários e os trabalhadores, porque se não tiver essa câmara, não vai funcionar. Então, trabalhadores, empresários e governo irão participar da câmara para coordenar. Está chovendo? Vocês são feitos de açúcar? Antes estavam reclamando porque estava sol, agora estão reclamando porque estão caindo uns pinguinhos d'água?

Companheiros e companheiras, eu parei de ler meus papéis e eu queria dizer duas palavras para vocês, sem o papel. Eu quero dizer uma coisa para vocês. Eu tenho 64 anos de idade. Eu não sei quanto tempo a gente dura, porque só Deus é que sabe. Eu não sei se eu tenho mais um dia, mais uma hora, mais um ano, mais 20 anos. O que é importante é que aqui tem muita gente nova e que, certamente, vai viver muito mais do que eu e que, certamente, vai colher os frutos do que nós estamos plantando agora no estado do Pará.

Este estado, este estado do Pará não pode se contentar em ser apenas um estado de indústria de madeira, algumas clandestinas, derrubando ilegalmente áreas que não deveriam derrubar, e também não pode ser um estado apenas exportador de minério de ferro. Nós precisamos gerar riqueza e gerar empregos neste estado. É por isso que a Petrobras está privilegiando o Norte e o Nordeste. O Nordeste, com mamona e pinhão manso, e aqui com a palma, que é uma planta da região, que não agride o meio ambiente e que um hectare de palma produz 6 mil litros de óleo. É uma produção extraordinária, extraordinária. Os baianos pensam que só eles comem dendê, óleo de dendê na feijoada, não sei das quantas. Agora, nós aqui, no Pará, vamos produzir para comer, vamos produzir para sabonete, vamos produzir para feijoada, vamos produzir para moqueca, mas vamos produzir para despoluir o mundo,



para colocar um óleo limpo, gerador de riqueza e gerador de empregos no tanque dos carros que nós produzimos no Brasil.

E, logicamente, companheiros, que nós sabemos que atrás de uma fábrica dessas vai vir logo, logo uma escola técnica para a região, logo, logo, porque nós temos que formar profissionais, temos que formar. Estas mulheres e estas meninas já não querem mais dizer: qual é a profissão? “Eu sou doméstica”. Doméstica não é nem profissão, é quase obrigação, não é? A gente pensa que não, mas mesmo dentro de casa, quando a gente está com o marido da gente... vocês... vocês têm... é uma empregada doméstica, que todos os dias se levanta, é roupa para criança, comida para criança, limpa banheiro, limpa cama, lava roupa, troca roupa, recebe as crianças, dá almoço para a criança, dá café para a criança, dá janta para a criança, põe para dormir a criança, ou seja, é um inferno! Então, na hora em que as mulheres tiverem uma profissão e elas puderem trabalhar, e chegarem em casa com o seu salário, o seu marido vai perceber que elas estão morando com ele porque gostam dele e não a troco do feijão que elas comem, não a troco. E as pessoas... Eu tenho certeza de que ele vai ficar muito mais respeitoso com a mulher porque ele fala: “Espera aí, se eu falar grosso agora, se eu falar grosso agora, a porca entorta o rabo aqui em casa”. E a mulher, a mulher vai dizer: “Olha, não fale grosso, não. Fale baixo, igual eu falo, porque nós estamos juntos porque nós nos amamos. Nós não estamos juntos por obrigação. Eu trabalho e ganho o meu salário, você trabalha e ganha o seu...” E nós vamos ter... Nós, homens, vamos ter um problema sério quando as mulheres começarem a ganhar mais do que nós. Eita ciumeira da “bobólica”. Você vai ver homem ciumento é no dia em que a mulher abrir o contracheque mais do que o homem. Bom, nós, no governo, não temos problema, porque qualquer pessoa ganha mais do que nós, mas não tem problema.

Olha, gente, então, o que esses moços estão fazendo aqui, olha, prestem atenção: o que nós estamos fazendo aqui é o começo de uma



revolução nesta região. Eu peço a Deus... Eu peço a Deus estar vivo para daqui a uns sete, oito anos, poder voltar aqui, Prefeito, para a gente ver o que aconteceu nesta região.

Eu... Vocês sabem que eu deixo a Presidência no dia 1º de janeiro. Mas o fato de eu deixar a Presidência não vai me tirar da vida política, não vai me tirar da vida política. Eu vou continuar viajando o Brasil, vou continuar viajando o Brasil, vou continuar contribuindo com os meus companheiros. E o maior orgulho que eu quero ter é que quando eu voltar aqui poder olhar na cara de vocês e chamar vocês de companheiros e vocês me chamarem de companheiro, ou seja, aí demonstra que valeu a pena ter passado pela Presidência da República. Eu sei que nós não fizemos tudo, porque a gente não consegue consertar em oito anos o que não foi feito em 500 anos. Mas eu tenho certeza, eu tenho certeza de que nós fizemos muito.

Miguel Rossetto, ao terminar o meu mandato, Ana Júlia, ao terminar o meu mandato, eu, que sou o único presidente da República que nunca teve um diploma universitário, vou terminar o meu mandato como o presidente que mais fez universidades neste país. Vou terminar o meu mandato como o presidente da República que em oito anos, que em oito anos fez uma vez e meia escolas técnicas que foram feitas em um século, ou seja, desde a Proclamação da República. A primeira escola técnica feita no Brasil foi em 1909, pelo presidente Nilo Peçanha, lá na cidade de Campos, no Rio de Janeiro. De 1909 até eu chegar ao governo tinham sido feitas, no Brasil inteiro, 140 escolas, em 97 anos. Nós, em oito, vamos entregar 214 escolas técnicas neste país.

Eu tenho certeza, eu tenho certeza de que quem vier vai fazer muito mais do que eu, sabem por quê? Porque o povo, o povo aprendeu a ficar esperto, o povo aprendeu a cobrar. Que ninguém vá para a televisão achar que pode contar uma mentira e que o povo vai acreditar. Vai ter que provar que vai fazer.

Por isso, meus companheiros, um grande abraço. Que Deus abençoe



todos vocês. E o meu compromisso, o meu compromisso com o povo de Tomé-Açu é que daqui a cinco ou seis anos, eu tenho fé em Deus que terei saúde para vir aqui, com vocês, para colher o primeiro cacho do dendê para a gente moer.

Um abraço. Que Deus abençoe todos vocês.

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**
